

Resenha do livro “Viagem Histórica ao Brasil”¹

Lucas Araújo Camargos 

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

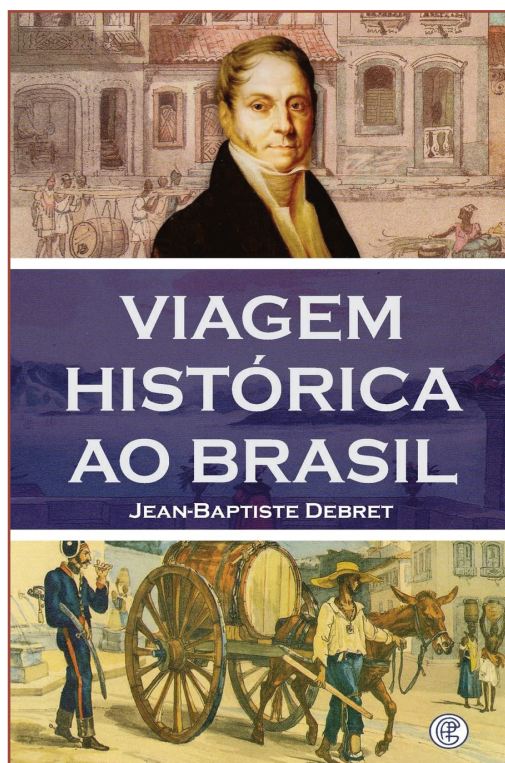
lucascamargos_@hotmail.com

RESUMO

Resenha do livro “Viagem Histórica ao Brasil”, do pintor, artista e professor francês Jean-Baptiste Debret (1768–1848). Debret integrou a Missão Artística Francesa, chefiada por Joaquim Lebreton e concebida durante o reinado de Dom João VI. Ele desembarcou no Brasil em 1816 e permaneceu no país até 1831. Suas obras retratam pessoas escravizadas, temas etnográficos, populações indígenas, vestimentas, paisagens urbanas, monarcas, utensílios, cerimônias religiosas, áreas naturais, eventos políticos, fauna e flora, entre outros aspectos do cotidiano brasileiro. Sua produção constitui um olhar contemporâneo sobre um Brasil ancestral, ao possibilitar a visualização do passado e a reflexão acerca da formação histórica e da sociedade atual.

PALAVRAS-CHAVE: História do Brasil; Jean-Baptiste Debret; Geografia de Viagens.

¹ DEBRET, Jean-Baptiste. **Viagem Histórica ao Brasil**. 2 ed, Belo Horizonte – MG, Garnier, 2021. 110 p.



O livro “Viagem Histórica ao Brasil”, do pintor, artista e professor francês Jean-Baptiste Debret, foi publicado em 2021, em sua 2ª edição, pela Editora Garnier, em Belo Horizonte (MG). O exemplar possui 110 páginas e contém 139 figuras, todas de autoria de Debret. O prefácio assinado por Antônio Carlos Villaça (2021), constitui uma importante fonte de informações sobre Debret, suas obras, ofícios, trajetória no Brasil e atuação em geral.

Jean-Baptiste Debret (1768-1848) nasceu na França e aportou no Rio de Janeiro no ano de 1816, com outros membros da Missão Artística Francesa no Brasil. O contexto de sua vinda para o país relaciona-se à queda de Napoleão Bonaparte, em 1815. Com esse evento e o consequente momento político conturbado pelo qual a França passava, muitos artistas ficaram sem seus ofícios (Villaça, 2021).

Durante a Restauração monárquica na França, Debret integrou um grupo de artistas liderados por Joaquim Lebreton que, a convite da coroa portuguesa, vieram ao Brasil para estruturar uma Academia de Belas Artes. Além de Debret compunham os arquitetos Charles Simon Pradiere e Grandjean de Montigny, os irmãos Auguste-Marie Taunay, o escultor, e Nicolas Antoine Taunay, o pintor de paisagens (Leenhardt, 2013).

Dias (2006), discorre que nesse período, houve o interesse da coroa portuguesa em contar com profissionais que ensinassem arte, retratassem os

membros da corte, a exaltasse e Debret foi primeiro pintor a realizar uma série de pinturas voltadas à representação da corte no Rio de Janeiro.

De acordo com Villaça (2021), ele permaneceu 15 anos no Brasil, entre 1816 e 1831, e seu ateliê localizava-se no atual bairro do Catumbi, no município do Rio de Janeiro. Sua chegada ao país deu-se quando este ainda era colônia e sede do Império português; presenciou o nascimento do Brasil como nação e, quando partiu, o país já era independente. Tais elementos históricos foram retratados em suas obras. Ele teve como base o Rio de Janeiro, mas viajou para outras localidades do Brasil, como São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. No retorno para a França, trabalhou na publicação do livro *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*, originalmente dividido em três volumes, com 153 pranchas e publicado em Paris, entre 1834 e 1839. Schwarcz (2022), discorre que isso lhe proporcionou uma vaga na Academia de França. A autora ainda afirma que o regresso foi motivado pela abdicação do trono por Dom Pedro I em 1831. Embora tenha deixado em 1834 o seu cargo na Academia do Brasil, em 1837, Debret recebeu uma pensão do governo imperial em reconhecimento aos seus serviços prestados (Villaça, 2021 e Schwarcz, 2022).

Suas obras retrataram pessoas escravizadas, temas etnográficos, indígenas, indumentárias, paisagens urbanas, monarcas, utensílios, culinária, a burguesia nascente, vistas de cidades, cerimônias religiosas, áreas naturais, cenas cortesãs, eventos políticos, tropeiros, manifestações culturais, arquitetura, o processo de independência, mapas, relações de trabalho, fauna, flora e outros aspectos do cotidiano brasileiro em destaque para o município do Rio de Janeiro (Villaça, 2021).

Conforme Jurt (2012), Debret também esboçou e desenhou a bandeira do Brasil Imperial independente, ao definir as cores e as formas geométricas que a compõem: o retângulo verde e o losango amarelo e outros elementos centrados no losango. Não ocorreram modificações na sua estrutura se comparadas com a atual bandeira do Brasil.²

Debret conseguiu perceber, representar e relatar as nuances do mundo que o cercava, e suas obras possuem grande valor artístico e documental. Com isso, dispomos de elementos para perceber, compreender, avaliar, criticar e resgatar particularidades do país e de seu povo no período histórico em que ele esteve no Brasil.

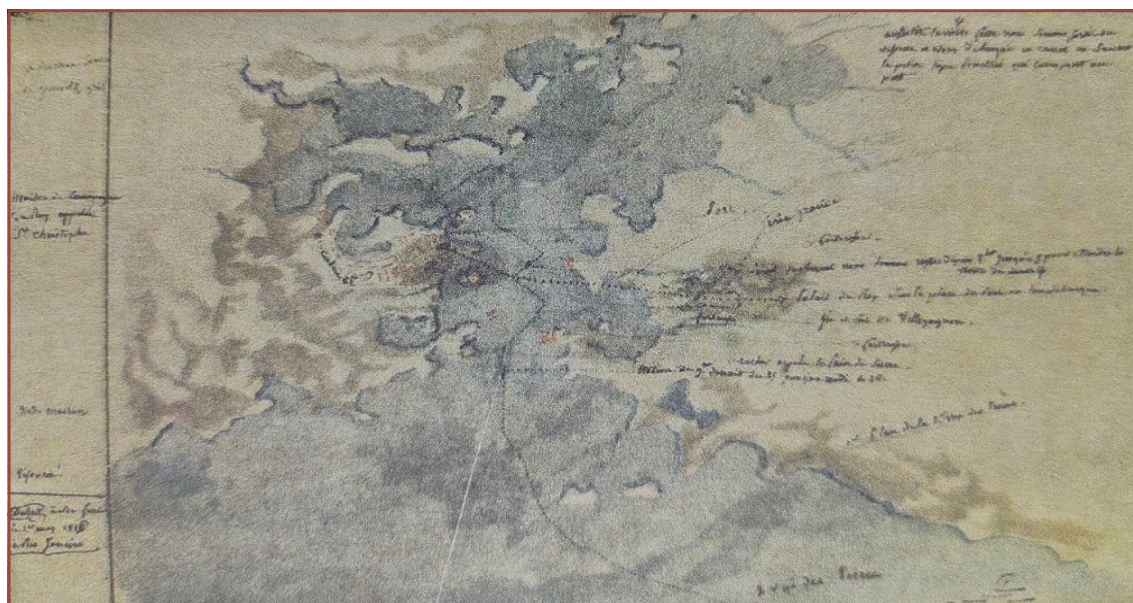
2 O esboço da bandeira do Brasil Imperial não foi disponibilizado na edição do livro desta resenha e pode ser visualizado em Jurt (2012).

Pelo modo crítico que representava a escravidão, em 1840, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro censurou duas de suas obras. A obra “Mercado da rua do Valongo”, representava um mercado de escravizados e a “Feitor castigando negros”, ilustrava, em primeiro plano, um senhor (ou feitor) açoitando um cativo e, em segundo plano, reproduzia a mesma cena de violência. (Leenhardt, 2013 e Schwarcz, 2022).³

Ao longo desta resenha, serão apresentadas algumas obras de Debret e descrições realizadas pelo autor, quando presentes na edição do livro analisado. Almeida (2009, p.91), enfatiza que o principal ofício de Debret era a de produzir imagens e “elas não se constroem para ilustrar textos, mas estes últimos são escritos para explicá-las”.

Uma face pouco conhecida de Debret é a de cartógrafo; ainda assim, ele apresentou o “Mapa da Cidade do Rio de Janeiro” (Figura 10). Nele, estão representados topônimos, a Baía de Guanabara, praias oceânicas, ilhas, cursos d’água, rotas de navios, sombreamentos do relevo, anotações e legenda. O mapa reúne evidências que reforçam a relevância de futuras investigações sobre as contribuições de Debret para os campos da Cartografia Histórica e da História da Cartografia.

Figura 1 – Mapa da Cidade do Rio de Janeiro



Fonte: DEBRET, 2021.

³ As obras “Mercado da rua do Valongo” e “Feitor castigando negros” não foram representadas na edição do livro desta resenha e podem ser visualizadas em Leenhardt (2013).

Figura 2 – Maneira de trazer o bom Deus para os ricos e para as pessoas anexadas ao tribunal



Fonte: DEBRET, 2021.

Figura 3 – Negros em comitê em um tempo chuvoso



Fonte: DEBRET, 2021.

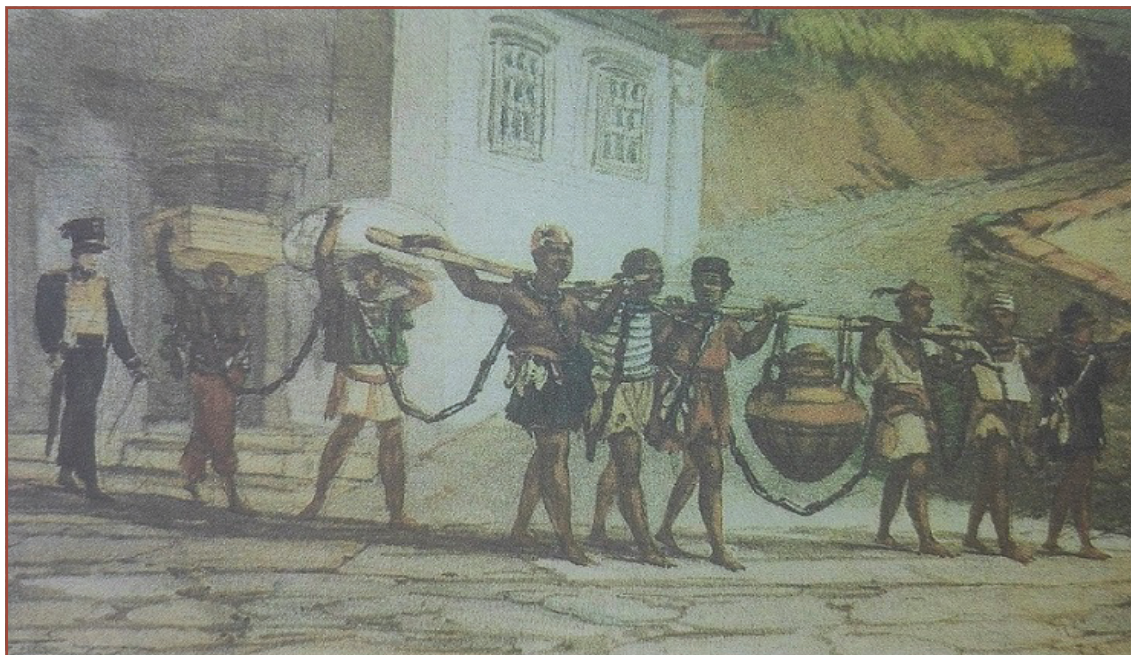
Na Figura 2, destaca-se uma comitiva e possivelmente os atuais Arcos da Lapa, no bairro da Lapa, no município do Rio de Janeiro, local representado em demasia pelo autor. Na descrição da obra, Debret (2021, p. 7), explana

que: “O pano de fundo dá uma ideia do Catete. Espécies de Faubor Saint-Germain habitadas por pessoas de consideração”.

Em “Negros em comitê em um tempo chuvoso”, vemos um tipo de indumentária utilizada para proteção da chuva (Figura 3) e Debret (2021, p. 8), discorre que “Esses tipos de sobrecasacas são usados até em Lisboa. Eles são feitos de palhas de arroz. No fundo. Você poder ver a variedade de fantasias usadas para se proteger da chuva”.

Em “Negros por corrente” (Figura 4), veem-se castigos e torturas aplicados as pessoas escravizadas, que se encontram acorrentadas. Debret (2021, p. 8), também relata que elas estão “Trazendo o jantar que acabaram de receber do Hospice of Mercy para a prisão O saco contém farinha de mandioca que substitui o pão”.

Figura 4 – Negros por corrente



Fonte: DEBRET, 2021.

Na obra “O antigo órfão africano ‘Oricongo’”, nota-se possivelmente uma celebração ou reunião da vida cultural (Figura 5). Debret destaca o instrumento oricongo, termo de origem africana utilizado no Brasil colonial para se referir ao berimbau, sendo tocado por um homem. Bandeira (2019), discorre que o homem, músico em destaque que Debret denominou nesta aquarela de “o velho Orfeu africano”, passaria a ser somente “negro trovador” na prancha 41, do tomo II no segundo volume do Viagem Pitoresca. Fato similar ocorreu com a indígena de nome Kiakhrara, que se tornaria “mulher Camacã” na tiragem definitiva. Neste caso Bandeira (2019, p.105), frisa que

a opção do artista em relegá-la ao anonimato, com que apareceria condenado na edição definitiva, leva a supor que o pintor francês não desejava que Kiakhrara fosse uma exceção aos tipos pitorescos que buscava apresentar em seu livro como sendo arquétipos, mais que indivíduos.

Por isso, pode-se inferir que Debret também optou, por motivações análogas, em apresentar a obra "o velho Orfeu africano" e o "negro trovador" sem as nomações assim como a de Kiakhrara e "mulher Camacã".⁴

Figura 5 – O antigo orfano africano "oricongo"



Fonte: DEBRET, 2021.

Em uma das descrições mais extensas realizadas por Debret (2021, p.9), constantes no livro, o autor relata que:

Esses manipuladores de porcos podem se reconhecer pelo tipo de chicote que os sustenta em seu andar. Suas atitudes foram copiadas da natureza e são vistas muito comumente. Eles estão descansando perto de um dos assentamentos encontrados na roda da mina. O pano de fundo dá uma ideia do caráter desta parte do país.

Nesta obra, notam-se as indumentárias, os instrumentos de trabalho e os hábitos dos tropeiros mineiros. Também estão figuradas as paisagens rurais e naturais da localidade em questão (Figura 6).

⁴ As obras "negro trovador" Kiakhrara e «mulher Camacã» não foram disponibilizadas na edição do livro desta resenha e podem ser visualizadas em Bandeira (2019).

Figura 6 – Pobres tropeiros de Minas

Fonte: DEBRET, 2021.

Souza e Lima (2022), destacam a presença de cachimbos em um alguidar cerâmico exposto na edificação que seria uma venda. Os cachimbos eram comumente utilizados por escravizados(as) mulheres ou homens e praticamente inexistem imagens do porte por pessoas livres. Ainda discorrem que eles são frequentemente representados nas obras de Debret, Rugendas, Earle e Guillobel. Por fim, frisam que as representações de Debret, apresentam notáveis convergências com os vestígios materiais recuperados em escavações arqueológicas, o que corroboram com a fidedignidade de seus registros iconográficos.

A cena cortesã e que também se caracteriza como a cerimônia política do regresso de D. Pedro I ao Rio de Janeiro, após uma viagem à província da Bahia, foi representada através da obra, "*Festa de retorno de S.M da Bahia*. S.M" é uma sigla para Sua Majestade (Figura 7). Villaça (2021, p.27), discorre que no Rio de Janeiro, "diante da imensa igreja de São Francisco de Paula, a multidão festeja a chegada de sua majestade o imperador, que fora à Bahia". Nesta obra Debret (2021, p. 10) descreve que:

À esquerda S, aint-François-De-Paul e entrada preparada para que S.M venha assistir ao Te Deum. Em frente a girande desenhada na Escola da Academia Militar. Á direita, arco triunfal a iluminar. Tudo feito às custas da Polícia Militar em 4 de abril de 1826.

Figura 7 – Festa de retorno de S. M. da Bahia



Fonte: DEBRET, 2021.

Figura 8 – Rei Dom João VI



Fonte: DEBRET, 2021.

Um dos ofícios de Debret era representar membros da monarquia, sendo o pintor oficial e, nesta pintura, ele apresenta o rei Dom João VI (Figura 8). Dias (2006), destaca que o rei foi retratado ao meio-corpo e estava vestido com as insígnias portuguesas e condecorações o que lhe assegura hierarquia. No livro em análise, constam ainda os bustos de Dom Pedro I (em um busto quando foi príncipe e em outro imperador), de sua mãe a rainha consorte D. Carlota Joaquina e da Duquesa Leopoldina.

Na Figura 9, em primeiro plano, nota-se tropeiros e animais; ao fundo, e observa-se a vista panorâmica da localidade de Itu, situada no estado de São Paulo. No livro objeto desta resenha, foram representadas vistas panorâmicas de outras localidades, especificamente nos atuais estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, lugares por onde Debret esteve. Essas representações podem contribuir para a produção de materiais de apoio voltados à criação e ao fortalecimento de circuitos turísticos e subsidiar a elaboração de materiais didáticos e paradidáticos para diferentes níveis de ensino nas localidades retratadas.

Figura 9 – Vista da cidade de Itú



Fonte: DEBRET, 2021.

O trabalho de Debret é vasto e frequentemente abordado em materiais didático-pedagógicos em diferentes níveis de ensino escolares e trabalhos acadêmicos de historiografia, antropologia, museologia, iconografia, arqueologia e belas-artes. Seu acervo nos fornece elementos para conhecer o Brasil da época retratada em suas obras. Ele apresentou uma sociedade em transformação, com um olhar analítico que ia além do artístico. Sua produção possui

relevância artística e narrativa, ao constituir importante fonte para o estudo da formação histórica do Brasil como nação. É possível que o olhar de um estrangeiro, com menos vícios e condicionamentos culturais, tenha evidenciado práticas sociais, costumes, relações e hierarquias da sociedade brasileira.

As representações constituem importantes fontes para a elaboração de materiais de apoio direcionados à criação e ao fortalecimento de circuitos turísticos, bem como para o desenvolvimento de materiais didáticos e paradidáticos destinados aos diversos níveis de ensino, especialmente nas localidades por elas retratadas.

Em pesquisas futuras, é válido detalhar quais foram as contribuições de Debret para a Cartografia Histórica e História da Cartografia, pois são temas pouco abordados em sua historiografia e no livro em análise consta somente um mapa de sua autoria. Também é válido abordar e analisar as obras presentes no livro objeto desta resenha e que não foram trabalhadas nesta resenha.

A produção de Debret pode funcionar como olhos contemporâneos voltados para um Brasil ancestral, ao permitirem visualizar o passado e refletir sobre a sociedade atual. ●

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Índios mestiços e selvagens civilizados de Debret: reflexões sobre relações interétnicas e mestiçagens. **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 25, n. 41, p. 85-106, jan./jun. 2009. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=384434828005>. Acesso em: 9 jun. 2026.

BANDEIRA, Julio. Debret: retratos da Corte, da rua e autorretratos. In: PESSOA, Ana; PEREIRA, Margareth da Silva; KOPPKE, Karolyna (org.). **Gosto neoclássico: atores e práticas artísticas no Brasil no século XIX**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2018. p. 78-114. Disponível em: <https://rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/20.500.11997/10265>. Acesso em: 9 jun. 2026.

DEBRET, Jean-Baptiste. **Viagem histórica ao Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Garnier, 2021.

DIAS, Elaine. A representação da realeza no Brasil: uma análise dos retratos de D. João VI e D. Pedro I, de Jean-Baptiste Debret. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 243-261, jan./jun. 2006. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27314108>. Acesso em: 9 jun. 2026.

JURT, Joseph. O Brasil: um Estado-nação a ser construído: o papel dos símbolos nacionais, do Império à República. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 471-509, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/x47K6TgqwfrZ5CgPrPJ Dykk/>. Acesso em: 9 jun. 2026.

LEENHARDT, Jacques. Jean-Baptiste Debret: um olhar francês sobre os primórdios do Império brasileiro. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 509-523, 2013. Disponível em: https://sociologiaeantropologia.com.br/wp-content/uploads/2024/07/v3n06_07.pdf. Acesso em: 9 jun. 2026.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Debret, Jean-Baptiste. In: OLIVEIRA, Helena de Salles; PIMENTA, João Paulo (org.). **Dicionário da Independência do Brasil: história, memória e historiografia**. 1. ed. São Paulo: BBM; EDUSP, 2022. v. 1, p. 311-312. Disponível em: https://bibliotecamindlin.usp.br/documents/107/Dicionario_da_Independ%C3%Aancia_digital.pdf. Acesso em: 9 jun. 2026.

SOUZA, Marcos André Torres de; LIMA, Tânia Andrade. Olhando, desejando, incorporando: cachimbos de barro na construção de comunidades diaspóricas. **Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, Belo Horizonte, v. 16, p. 7-27, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/vestigios/article/view/38614>. Acesso em: 9 jun. 2026.

VILLAÇA, Antônio Carlos. Prefácio. In: DEBRET, Jean-Baptiste. **Viagem histórica ao Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Garnier, 2021. p. 15-28.

EDITOR DA RESENHA

Cláudio Luiz Zanotelli

Universidade Federal do Espírito Santo

Vitória, Espírito Santo, Brasil

claudio.zanotelli@ufes.br

Resenha recebida em: 05/03/2026

Resenha aprovada em: 25/06/2026

Resenha publicada em: 26/06/2026